

Identidade Pessoal



Planos de aula

Squire Family Foundation
Instituição financiadora do projeto

Johns Hopkins – Center for Talented Youth
Instituição parceira criadora do material

Claretiano – Centro Universitário
Instituição parceira responsável pela divulgação do material no Brasil



**SQUIRE FAMILY
FOUNDATION**
Advancing Philosophy Education

ORGANIZAÇÃO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Organizador: Edson Renato Nardi

CORPO TÉCNICO EDITORIAL DO CLARETIANO - CENTRO UNIVERSITÁRIO

Gerente de Material Didático: Rodrigo Ferreira Daverni

Preparação: Aline de Fátima Guedes • Camila Maria Nardi Matos • Carolina de Andrade Baviera • Cátia Aparecida Ribeiro • Elaine Aparecida de Lima Moraes • Josiane Marchiori Martins • Lidiane Maria Magalini • Luciana A. Mani Adami • Luciana dos Santos Sançana de Melo • Patrícia Alves Veronez Montera • Simone Rodrigues de Oliveira

Revisão: Eduardo Henrique Marinheiro • Filipi Andrade de Deus Silveira • Rafael Antonio Morotti • Vanessa Vergani Machado

Projeto gráfico, diagramação e capa: Bruno do Carmo Bulgarelli • Joice Cristina Micai • Lúcia Maria de Sousa Ferrão • Luis Antônio Guimarães Toloí • Raphael Fantacini de Oliveira • Tamires Botta Murakami

Videoaula: André Luís Menari Pereira • Bruna Giovanaz • Gustavo Fonseca • Marilene Baviera • Renan de Omote Cardoso

INFORMAÇÕES GERAIS

Título: Plano de Aula - Filosofia da Mente

Formato: 210mm x 297mm

Páginas: 33 páginas

Edição: 1ª

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing Philosophy Education

**Copyright © Johns Hopkins – Center for Talented Youth e Squire Family Foundation – Advancing
Philosophy Education**

2020 Claretiano – Centro Universitário

Todos os direitos reservados.

SUMÁRIO

CONTEÚDO

DIA 1 – INTRODUÇÃO	6
DIA 2 – “THE MEETING” E PRIMEIRA PARTE DO DIÁLOGO DE PERRY	11
DIA 3 – AS PARTES POSTERIORES DO DIÁLOGO DE PERRY E O CRITÉRIO DA MEMÓRIA DE LOCKE	16
DIA 4 – DISCUSSÃO DE EXPERIÊNCIAS DO PENSAMENTO E AVALIAÇÃO CRÍTICA DO CRITÉRIO	19
DIA 5 – DISCUSSÃO DO “CASO DE FISSÃO” DE PARFIT E SUA ALEGAÇÃO DE QUE A IDENTIDADE PESSOAL NÃO TEM IMPORTÂNCIA	24

PLANOS DE AULA

Esta série de planos de aula de Filosofia é composta pelos seguintes módulos:

Ética

Ética Aplicada

Epistemologia

Estética

Filosofia da Religião

Filosofia Política

Livre Arbítrio

Filosofia da Ciência

Método Filosófico

Identidade Pessoal

Filosofia da Mente



Identidade Pessoal

Na Filosofia, “identidade pessoal” é o termo usado para se referir a um subcampo de estudos focado na natureza do “eu”. Especificamente, os filósofos da identidade pessoal tentam determinar critérios apropriados para se realizar julgamentos a respeito da sobrevivência e da existência. As perguntas que direcionam tal disciplina incluem:

- Uma pessoa é essencialmente uma alma, um corpo físico ou outra coisa?
- Pode uma pessoa sobreviver à perda do seu cérebro?
- Quais tipos de mudanças na psicologia de uma pessoa, se houver, resultam em uma pessoa deixar de existir?

As abordagens clássicas para essas questões incluem:

- o critério da alma:** X é numericamente idêntico a Y, caso X e Y possuam a mesma alma.
- o critério do corpo:** X é numericamente idêntico a Y, caso X e Y possuam o mesmo corpo (isto é, o mesmo organismo vivo).
- o critério do cérebro:** X é numericamente idêntico a Y, caso X e Y possuam o mesmo cérebro.
- o critério da memória:** X e Y são a mesma pessoa, caso Y possa se lembrar de experiências tidas por X.

Vocabulário importante:

Identidade numérica *versus* identidade qualitativa. Critérios metafísicos e epistemológicos. Substância *versus* visões relacionais de identidade.

Objetivos pedagógicos

Neste módulo, os estudantes vão:

- Explorar e refletir sobre suas próprias crenças em relação à natureza do “eu”.
- Aprender as principais abordagens filosóficas sobre o tema.
- Melhorar suas habilidades de argumentação (criar e analisar).
- Obter uma compreensão da complexidade de nossos critérios sobre a identidade pessoal e considerar a possibilidade de que nossas crenças baseadas no senso comum sobre o “eu” podem estar equivocadas.

Recursos

Leituras acessíveis que podem ajudar na preparação da aula:

- Richard Hanley, *The Metaphysics of Star Trek*, Basic Books. (cap. 4 e 5).

DIA 1 – INTRODUÇÃO

Conteúdo:	Método:
1. Esclarecimento de terminologias	1. Aula expositiva e discussão
2. Reflexões a respeito de crenças sobre identidade	

Orientações ao professor

O objetivo de hoje é apresentar o tema da disciplina, esclarecer alguns termos-chave e fazer com que os alunos comecem a refletir sobre os critérios de identidade.

Objetivos

- Os alunos devem entender como a identidade pessoal difere das investigações psicológicas a respeito da natureza do “eu”.
- Devem compreender também a distinção entre identidade numérica e identidade qualitativa.
- Os participantes devem começar a formar opiniões a respeito da natureza da identidade numérica.

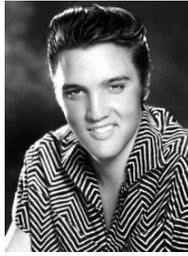
Atividade para a próxima aula

Leitura do conto “The Meeting” (A Reunião). A “primeira noite” e o início da “segunda noite” do diálogo de Perry.



- Olá, Calvin!
- Eu não sou o Calvin. Sou a cópia número dois.
- Do que você está falando?
- Nós jogamos par ou ímpar e hoje é meu dia de ir à escola. Estamos revezando, assim cada um vai pra escola só uma vez por semana.
- Calvin, você está muito estranho. Nem vou mais falar com você.
- Eu não sou o Calvin.
- Eu gostaria de viver num lugar onde eu pudesse ir a um ponto de ônibus normal.
- Você estuda na classe do Calvin? Pode me ajudar a encontrar o armário dele?

Por que se importar com a identidade pessoal?



Tomemos como exemplo o Elvis Presley. Ele foi um grande artista, amado por milhões, que viveu tempo suficiente para mudar um pouco ao longo de sua vida. Aqui está uma foto do jovem Elvis:



Um sujeito bonito, certo? Agora, veja esta foto, tirada anos mais tarde:

Não tão atraente, concorda? Nesta época ele estava com excesso de peso, tinha perdido grande parte da sua voz, era viciado em drogas e sua carreira estava meio que acabada. Ele havia mudado de maneira significativa em relação ao seu “eu” mais novo – na verdade, pode-se até dizer que ele era apenas uma sombra do seu antigo “eu”. É irônico que ao final de sua carreira havia imitadores de Elvis que pareciam *mais* com o jovem Elvis que ele próprio. Existe até uma anedota que diz que Elvis, no final de sua vida, participou de uma competição de “Sósias do Elvis” e ficou em terceiro lugar!

Mas, o que tudo isso significa? Bem, apesar do fato de que o velho Elvis estava, em muitos aspectos, bem diferente do jovem Elvis, *ele ainda era o Elvis*. Isto é, de uma maneira óbvia e importante, ele ainda era único e a mesma pessoa, apesar de todas as mudanças – outra maneira de pensar sobre isso: mesmo um sócia perfeito não passaria a ser o Elvis.

Você pode questionar: “O que faz dele a mesma pessoa, se tantas coisas mudaram?” *Algo* não deveria permanecer igual para fazer o Elvis ainda ser o Elvis? Tal questão, relacionada a quais *critérios* ou condições devem permanecer os mesmos para que uma pessoa continue existindo através do tempo e das mudanças é a questão que os filósofos tradicionalmente investigaram sob o rótulo de “filosofia da identidade pessoal”.

Mesmo que você possa não se importar muito com o Elvis ou com sua identidade, certamente já se preocupou, pelo menos um pouco, com o tema da identidade pessoal. Por que podemos pensar assim? Porque os julgamentos de identidade surgem, não apenas quando refletimos sobre o trágico declínio de Elvis – eles surgem em uma grande variedade de situações o tempo todo. Considere apenas alguns:

1. Fazemos ponderações sobre identidade sempre que realizamos julgos sobre a *responsabilidade* – e realizamos tais julgamentos *constantemente*. Por exemplo, consideramos fundamental que um inocente não seja punido, mas, para considerar quem é inocente e quem é culpado, devemos conhecer a identidade do criminoso. Nesse tipo de situação, a menos que possamos fazer um julgamento de identidade pessoal, não poderemos embasar de forma adequada nossas imputações de inocência ou culpa. Ou, para dar um exemplo mais corriqueiro, se você emprestar dez reais ao seu amigo Paulo, é o Paulo, e não o irmão gêmeo, idêntico ao Paulo, ou qualquer outra pessoa, que lhe deve esse dinheiro. Sua crença está baseada na sua capacidade de distinguir Paulo de outros e de reconhecê-lo como tendo uma identidade distinta.

2. Nossa preocupação natural e *antecipação* para com o nosso próprio futuro pressupõem julgamentos sobre identidade. Imagine que eu diga que vou torturá-lo amanhã, a menos que você concorde em sofrer alguma dor mais leve daqui a uns quinze minutos. Você provavelmente aceitaria o acordo, naturalmente preferindo sofrer pouco mais cedo a sofrer muito mais tarde. Agora, imagine que eu, ao invés disso, ofereça uma escolha diferente: ou eu torturo uma *duplicata exata* sua amanhã, ou vou sujeitar você a uma pequena dor daqui a alguns minutos. Talvez você aceite o acordo, sofrendo você mesmo uma pequena dor, ao se preocupar com a sua infeliz duplicata. Porém, seus motivos serão bem distintos daqueles da primeira situação: agora, não é que você prefira a dor leve mais cedo porque *antecipa* um sofrimento futuro, visto que você deve reconhecer não ser razoável antecipar em se ter experiências de outra pessoa. Haveria uma justificativa apenas ao se ter esse tipo de preocupação especial *com você mesmo*. Assim, saber quando a antecipação é apropriada está conectado a julgamentos de identidade pessoal.
3. Questões relativas à possibilidade de *imortalidade* demandam critérios de identidade pessoal. Você só pode chegar a algum julgamento a respeito da viabilidade da imortalidade, caso você *primeiro* possua uma teoria sobre o que é necessário para a persistência de uma pessoa através do tempo e das mudanças. Por exemplo, caso você pense que a continuidade física do corpo seja necessária para que uma pessoa continue a existir, você só aceitará a possibilidade de uma vida após a morte atrelada, literalmente, à ressurreição física do corpo. Caso você acredite que apenas a continuidade mental seja necessária, você pode ter uma visão mais flexível do céu (ou do inferno).

Dessa forma, como mencionado anteriormente, são grandes as chances de que você *já* tenha se preocupado, e talvez muito, com a questão da identidade pessoal, embora não tivesse conhecimento que tal tema fosse discutido por filósofos sob esse rótulo.

Um aparte: esclarecimento terminológico

Uma confusão inicial pode ser evitada, deixando-se claro o que estaria em questão no debate filosófico tradicional sobre "identidade pessoal". O debate diz respeito ao que significa ter um "eu" e o que constitui a "identidade" desse eu, mas ambos os termos são notoriamente escorregadios. Por exemplo, não nos preocupamos com o rico e complicado senso do "eu", quando empregado em discussões de "autoaperfeiçoamento" – aperfeiçoamento do "eu" – ou em frases como "perdi o senso de mim mesmo" – ou seja, do "eu". De forma similar, poderíamos até nos preocupar com "identidade", mas não em um amplo senso de "identidade pessoal", utilizado em uma conversa de alguém tendo uma "crise de identidade".

Essas noções do "eu" e de "identidade" são filosoficamente interessantes e filósofos qualificados como, por exemplo, Charles Taylor, exploraram-nas em profundidade. Entretanto, estaremos interessados, por razões que no final se tornarão mais claras, em uma concepção muito mais estreita da individualidade e da identidade: isto é, as condições que devem permanecer para uma pessoa sobreviver e persistir como a mesma pessoa através do tempo e da mudança.

Falamos de um senso mais "estreito" de identidade, pois envolve uma concepção absolutamente mínima do "eu". O "eu" (e sua identidade) com que nos preocupamos é o "eu" que sobrevive a uma crise de identidade, na verdade, é o "eu" que nos referimos, em uma frase como "Eu perdi o senso de mim mesmo". Compare: "Eu não sou a mesma pessoa que eu era ontem." Quando alguém pronuncia uma frase desse tipo, certamente acredita que continua sendo o mesmo "eu" – e permanece sendo a mesma pessoa – em *algum* sentido do termo. Em outras palavras, existe alguma criatura a qual o "eu" ainda continua a se referir. Esta é a ideia do "eu" ou da identidade-própria que investigaremos.

O problema filosófico da identidade pessoal com o qual estaremos preocupados é o problema de determinar, da melhor maneira possível, quais condições devem ser mantidas para que alguém permaneça a mesma pessoa através do tempo e da mudança, em um mínimo sentido.

Identidade qualitativa *versus* identidade numérica

Outra confusão inicial a ser evitada envolve o termo “idêntico” e nossa noção de identidade. Quando alguém pergunta se um objeto é “o mesmo que” ou “idêntico a” um objeto que existiu ou existirá em algum outro momento, ela pode estar fazendo duas perguntas bem distintas. Ela pode estar simplesmente perguntando se os dois objetos são *qualitativamente* idênticos: eles compartilham as mesmas qualidades ou propriedades? Eles são exatamente semelhantes? Esse é o tipo de identidade em questão caso eu lhe pergunte se o burrito do Taco Bell que você acabou de comer é idêntico aos burritos que você costumava comprar no Taco Bell quando voltava para casa.

Dois burritos (ou três ou uma centena) podem ser qualitativamente idênticos entre si. Outro sentido de “idêntico”, este sim, relevante para as discussões de identidade pessoal, envolve a identidade *numérica*. Este é o tipo de identidade passível de ser um problema em uma situação sobre se uma pintura recentemente descoberta é idêntica à obra-prima roubada de um museu no mês passado. Descobrir que a pintura é qualitativamente idêntica à obra-prima original nos dá pouco conforto, caso já tenhamos descoberto que, na verdade, ela não é numericamente idêntica à obra-prima – isto é, se descobrirmos que é uma falsificação perfeita e não a original.

Em contraste com a identidade qualitativa, a identidade numérica é tal que um objeto só pode ser numericamente idêntico a si mesmo. Quando investigamos filosoficamente se a identidade de uma pessoa permanece, é este segundo sentido *numérico* de identidade que está em questão.

Nossa preocupação é se uma determinada pessoa sobreviveu ou continuou a existir como a mesma entidade, numericamente idêntica, e não se uma pessoa é “idêntica”, no sentido de *exatamente similar*, a outra pessoa ou pessoas.

A metodologia das experiências do pensamento

Qual é a melhor maneira de se investigar, filosoficamente, a identidade das pessoas? O caminho aqui é emaranhado e não existe um método obviamente correto. Vamos empregar uma combinação dos chamados “experimentos do pensamento” e um processo semelhante ao que passou a ser conhecido como “equilíbrio reflexivo”. Em essência, esperamos obter convicções e atitudes aprofundadas sobre a nossa própria identidade e determinar em qual extensão essas crenças profundas podem ter uma melhor coerência entre si, com os princípios gerais sobre a identidade pessoal e com outras crenças profundas sobre o mundo.

Há um perigo óbvio nessa abordagem. Experimentos do pensamento, especialmente os do tipo bizarro que aparecem em textos sobre identidade pessoal, podem nos induzir a erros. A imaginação pode ser uma ferramenta filosófica perigosa, particularmente quando o que buscamos não é simplesmente o *imaginável*, mas o genuinamente *possível*.

Qualquer pessoa que já leu uma boa história de ficção científica ou um conto de fantasia está familiarizada com o quão facilmente se pode deslizar para o modo conhecido como “suspensão de descrença”. Caso a história que nos é contada se enquadrar corretamente e for suficientemente interessante, nós seguimos prestando atenção em praticamente qualquer coisa, incluindo situações que envolvam não apenas impossibilidades teóricas, mas também lógicas. Considere, por exemplo, qualquer um dos três filmes da sequência “De volta para o Futuro”.

Não sem surpresas, há um debate ativo entre os filósofos sobre a legitimidade de se empregar esses tipos de exemplos forçados e incomuns. Embora esse debate não mostre sinais de se findar, é mesmo assim razoável prosseguir com nossas reações a certos experimentos do pensamento, desde que os façamos com cuidado e de maneira crítica.

Eles podem não ser ferramentas infalíveis e, certamente, as possibilidades de abuso e dis-

torção são reais e devem ser reconhecidas. Porém, no âmbito da investigação filosófica, nenhum progresso pode ser feito com uma rejeição generalizada aos dados que eles oferecem. O fato é que nós simplesmente não temos o suficiente para prosseguir sem eles e, na medida em que eles desencadeiam respostas consistentes, tais respostas, mesmo quando não uniformes, podem fornecer percepções valiosas sobre nossas crenças, atitudes e convicções.

Reflexões a respeito das crenças sobre a identidade de objetos

Antes de mergulharmos em muitos enigmas que circundam a identidade pessoal, talvez devamos começar por pensar um pouco sobre a identidade de coisas mais simples, tais como objetos físicos básicos. Considere o exemplo de um barco, nas seguintes situações:

1. Um barco no jardim da frente de sua casa está se deteriorando lentamente e você decide consertá-lo aos poucos: uma nova tábuia ou peça do barco é colocada a cada poucas semanas – e a parte antiga é queimada. Finalmente, ao longo de vários anos, todas as partes foram substituídas. O barco renovado é numericamente idêntico ao barco original?
2. Um barco no seu jardim da frente é desmontado aos poucos e transportado, peça por peça, ao longo de vários anos, do jardim da frente para um galpão atrás da sua casa. Lá, ele, então, é remontado. O barco do galpão é numericamente idêntico ao barco original do jardim da frente?
3. Um barco no seu jardim da frente está se deteriorando e você, então, o renova aos poucos: uma peça nova é colocada a cada poucas semanas e a peça antiga é movida para o galpão atrás da casa. Finalmente, todas as peças do barco no jardim foram substituídas. Ao mesmo tempo, todas as peças antigas e deterioradas do barco estão no galpão de trás e são remontadas. Qual é o barco original?

Quando a maioria das pessoas ouve a primeira história, se mostra confiante de que o barco sobrevive à sua renovação gradual. Afinal, por que pedaços particulares de matéria determinariam a identidade do barco, quando essas próprias partes – por exemplo, uma tábuia – são compostas por moléculas que estão saltando e sendo substituídas por novas moléculas o tempo todo? Parece que o fato da *forma* do barco ter permanecido consistente é suficiente para garantir o julgamento de que o barco permaneceu existindo durante o processo de renovação.

No entanto, quando as pessoas ouvem a segunda história, elas também tendem a pensar que o barco pode sobreviver a esse processo de desconstrução e transporte. O pensamento aqui parece ser que, ao final do dia, você obteve o mesmo material, funcionalmente organizado da mesma maneira, então, obviamente, se trata do mesmo barco, apenas em um local diferente.

Quando chegamos ao terceiro caso, entretanto, as coisas ficam confusas. Você é forçado a escolher entre os dois barcos, pois é claro que apenas um deles pode ser *numericamente idêntico* ao barco original. Quem concordou que o barco sobreviveu no primeiro e segundo caso está agora em um dilema: nossas intuições parecem nos arrastar em direções diferentes – e contraditórias.

Essas histórias de barco são bastante intrigantes, mas talvez você não esteja muito preocupado com isso: “É apenas um barco”, você pode estar pensando, “diga o que você quiser..” Afinal de contas, a identidade do barco parece ser em grande parte uma questão *convencional* de uso linguístico. Acontece que nossas convenções podem ser um tanto confusas e capazes de gerar conflito. Mas sempre podemos *estipular* uma resposta para uma questão sobre a identidade do barco.

Até aqui, tudo bem, por enquanto, mas você verá as coisas ficarem mais confusas quando avançarmos com a discussão da identidade das *pessoas* – coisas com corpos físicos e mentes psicológicas – e, então, é provável que não esteja tão disposto a aceitar que *sua própria existência* é simplesmente uma questão convencional a ser determinado por condicionamento ou normas.

DIA 2 – “THE MEETING” E PRIMEIRA PARTE DO DIÁLOGO DE PERRY

Conteúdo:	Método:
1. Ficção: «The Meeting»	1. Aula expositiva e discussão
2. A «primeira noite» e o início da «segunda noite» do diálogo de Perry	

Orientações ao professor

O objetivo de hoje é considerar as questões levantadas em um breve conto e na primeira parte de um diálogo filosófico fictício sobre a identidade pessoal.

Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos deverão compreender como o critério da alma, o critério corporal e o critério do cérebro diferem um do outro.
- Os participantes devem entender algumas objeções básicas para ambos os critérios discutidos no texto selecionado de Perry e devem também começar a formular suas próprias visões sobre os pontos fortes e deficiências de cada abordagem.

Atividade para a próxima aula

O restante da “segunda noite” do diálogo Perry – a “terceira noite” será dispensada. Além disso, um breve trecho do ensaio de John Locke sobre o entendimento humano.

Nota preliminar

- São necessários alguns comentários iniciais sobre as experiências de pensamento, bem como de dois sentidos sobre “o que importa na sobrevivência”. Esta seção destina-se àqueles não familiarizados com o tópico, embora o instrutor possa optar por incorporar parte ou sua íntegra na preleção e discussão de hoje.

Ao se tentar determinar os critérios corretos para a identidade pessoal, busca-se estabelecer quando é razoável se concluir que uma pessoa continuou sendo a mesma pessoa – ou seja, numericamente idêntica. Em relação a isso, também estamos buscando determinar quando uma pessoa deixa de existir – quais mudanças indicam que não mais estamos dispostos a dizer que uma pessoa continuou sendo a mesma.

Dessa forma, é importante manter uma correta mentalidade ao se considerar um cenário dado: ao final de um procedimento descrito em um experimento de pensamento, haverá alguém, como resultante, que ainda é *you*? Em outras palavras, permaneceria alguém cujas experiências *you* se lembraria de ter tido? Perceba que esta é uma questão diferente, e importante, de se questionar se restará alguém cujas experiências *you* gostaria, ou não, de ter tido.

Alguns exemplos ajudarão a compreender melhor esse ponto. Primeiro, uma situação clara de sobrevivência: imagine que você recebe uma pílula que faça com que você adormeça por muitas horas. Durante esse tempo, médicos maliciosos removem todo o cabelo do seu corpo.

Quando o efeito da droga passa, você recupera a sua consciência. Você acredita que vai sobreviver a esse procedimento? Em outras palavras, a pessoa que acorda sem cabelo será você?

Claro que sim. Caso você tivesse motivos para acreditar que a droga e o processo depilatório ocorreriam conforme descrito, seria perfeitamente razoável que você antecipasse seu estado de estar sem cabelos e pelos, juntamente com todas as emoções que possam acompanhar tal mudança. Todos temos uma forte convicção de que podemos sobreviver à perda total de pelos ou cabelos – a persistência de nossa pelugem simplesmente não é uma condição necessária para nossa sobrevivência.

Uma maneira de tornar isso ainda mais óbvio é mudar o exemplo para uma situação que envolva a pessoa sofrendo uma dor no futuro. Imagine a situação descrita acima, mas pense agora que, após os pelos e cabelos serem removidos, essa mesma pessoa é despertada e severamente torturada por várias horas. Caso fosse você a pessoa que recebeu a pílula para dormir, você acredita que também seria a pessoa que sofrerá a tortura logo após rasparem seus pelos?

Claro que acredita. Embora algumas mudanças físicas possam ser tão radicais que causem a alguém o cessar da existência, a perda de pelos, mesmo uma perda *total* de pelos e cabelos, não é tal tipo de mudança. Caso você soubesse que um procedimento como esse – sem dúvida alguma, bizarro – aconteceria com você, teria razão em temer a futura tortura e a dor que isso causaria.

Agora, consideremos uma situação significativamente diferente. Neste exemplo, você também recebe uma pílula para dormir, mas pouco depois de adormecer – incluindo seu cérebro, seu corpo é destruído completamente e de forma definitiva. Então, um corpo diferente, mas qualitativamente idêntico e criado antes da destruição do seu corpo, é colocado em seu lugar. Em seguida, *este* corpo sofre o mesmo processo de depilação descrito anteriormente.

Quando essa pessoa acordar será você? Claro que não: você, como a maioria das outras pessoas, acredita que deixou de existir quando seu corpo foi completamente destruído. A pessoa sem pelos, que sobrevive a esse procedimento, não é você, mas sim uma cópia semelhante.

Adicionar o elemento da dor futura ajuda a confirmar nossas intuições aqui: se você soubesse que estaria prestes a passar pelo *segundo* procedimento de destruição do corpo, com a característica adicional de que a pessoa que acordasse seria então torturada por várias horas, *não* seria razoável para você antecipar as experiências futuras daquela pessoa, pois não acredita que seria *você* quem sentiria a dor.

Caso você não estivesse muito chateado com o pensamento de sua própria morte iminente, você poderia sentir pena pela *outra* pessoa, podendo até sentir um vínculo particularmente próximo, dado que a outra pessoa é qualitativamente idêntica a você – menos os pelos e cabelos, é claro. Contudo, essa empatia não é a mesma coisa que realmente antecipar que *você* vai sofrer a tortura.

O uso de exemplos que envolvam dor futura nos ajuda a ter em mente que aquilo que está sendo discutido aqui é se a mesma pessoa sobrevive através das mudanças descritas. Outra maneira de expressar essa questão é perguntar se a pessoa no início do procedimento será a mesma pessoa que experimentará o que há para se experimentar pela pessoa que subsiste ao final do procedimento.

Concentrar-se em se você pensa que será *você* quem sentirá a dor ao final de um determinado experimento mental força você a raciocinar cuidadosamente sobre se você acredita que poderia sobreviver às mudanças descritas. Não focar, ou pensar de forma descuidada sobre essas situações, ou situações similares a essas, pode levar a respostas distorcidas e enganosas.

Isso se deve em parte ao fato de que, quando se fala sobre identidade pessoal, é fácil escorregar entre discussões sobre o que é necessário e o que é *desejável* para a sobrevivência,

e tais deslizes podem nos levar a problemas.

A situação seguinte nos ajuda a ilustrar o tipo de confusão em questão: imagine que você receba a mesma pílula para dormir e passe pela mesma destruição física descrita anteriormente, mas, em vez de sofrer uma perda total de pelos, o novo corpo – qualitativamente idêntico – sofra uma forma radical de cirurgia estética. Seu corpo é melhorado em todas as maneiras que você possa desejar. Bolsas nos olhos? Acabaram! Tornozelos grossos? Nunca mais! Acreditamos que você já entendeu o ponto.

Imagine também que a psicologia dessa pessoa, você, possa também ser modificada por meio de uma cirurgia cerebral muito sofisticada e, dessa forma, qualquer neurose ou desvio de caráter que você abomine possa ser removido. Como um prêmio final, imagine que a sua inteligência possa também ser elevada significativamente. Você iria sobreviver a um procedimento como esse? Não, *você não iria* – não mais do que *você sobreviveria* ao procedimento anterior, uma vez que ambos envolveram uma completa e total destruição do seu corpo e cérebro.

Esse caso tem uma importância diferente, uma vez que o que permanecerá não é um clone depilado, mas uma pessoa muito parecida com você, porém melhorada, das maneiras que você deseja. No entanto, essa pessoa ainda não *será* você – caso essa pessoa for torturada após a cirurgia, não *será* *você* quem sentirá a dor.

O que torna as coisas complicadas aqui é que aquela pessoa *pode* ser tão desejável que você, em determinadas circunstâncias, escolheria tal procedimento – menos a tortura – de qualquer maneira! Talvez você prefira ter um “eu melhorado” ao invés de continuar como você mesmo. Em outras palavras, talvez você esteja disposto a sacrificar sua sobrevivência caso envolvesse a criação de alguém similar, mas melhorado.

Imagine, por exemplo, que você enfrentou recentemente o fato de que não tem o talento ou a energia necessária para completar o livro que começou a escrever anos atrás. Caso, após ter trabalhado feito um escravo nesse projeto por incontáveis horas, fosse oferecida a você a oportunidade de se submeter ao procedimento de “melhoria” descrito anteriormente e, com isso, você tivesse condições de prosseguir com seu projeto. Afinal de contas, o seu “eu melhor” resultante teria melhores condições de terminar o seu livro.

E se o livro fosse suficientemente valioso para você, sendo algo que valesse a pena sacrificar sua vida? Talvez não seja provável que você, ou a maioria das pessoas, faça algum dia esse tipo de sacrifício, mas o ponto relevante aqui é que, independentemente de você ou outra pessoa estar disposta a fazer tal escolha, ou não, o que é claro é que a escolha realmente envolve um *sacrifício* – você não continuaria a existir.

Embora você pudesse apreciar muito as experiências futuras dessa cópia física e mentalmente melhorada, como a fama – nunca mais noites de sextas-feiras solitárias –, você não acredita que pode ser razoável, de fato, antecipar em ter essas experiências, uma vez que essa pessoa seria meramente similar e não numericamente idêntica a você mesmo.

Focar na dor futura e na antecipação nos ajuda a deixar isso tudo claro. Caso *apenas* consideremos se procedimentos como esse são desejáveis – você passaria por isso? –, podemos ser enganados e chegar a conclusões confusas a respeito das condições adequadas da nossa identidade.

Caso o resultado de um pensamento-experiência genericamente descrito seja suficientemente desejável, talvez tendamos a pensar que nossa vontade de se submeter a um procedimento como o descrito possa ser alguma evidência de que pensamos que sobreviveríamos ao processo, mesmo que, após uma maior reflexão, concluíssemos que nós, de fato, *não* sobreviveríamos a esse procedimento.

The Meeting

O conto é bastante direto e não deve ser difícil para os estudantes, ou seja, não será necessário explanar sobre o conteúdo da história. Isso permite que o instrutor mergulhe diretamente em uma discussão sobre a “moral” da história. Essa discussão deve levar os alunos a pensar sobre suas próprias crenças e intuições quanto aos critérios de identidade e sobrevivência. Vejamos algumas perguntas para discussão:

- Os Vladeks deveriam decidir em submeter Tommy à operação?
- Caso você ache que deveriam, isto é, por que você pensa que o sobrevivente da operação será ainda Tommy? Se você acha que não será o Tommy, apesar disso, você ainda pensa que a operação é a melhor escolha para todos os envolvidos? Por que sim, ou, por que não?
- Caso você acredite que eles não devam prosseguir com o procedimento, é porque você acha que o sobrevivente não será Tommy? Ao final da história, a esposa afirma que «concordamos que não é assassinato». Por que você acha que eles concordaram com esse diagnóstico da operação? Eles estão corretos ao negar que a operação equivaleria ao assassinato de Tommy?

O resultado da discussão tende a ser que a operação equivaleria à destruição de Tommy e à sobrevivência do doador de cérebro. Isso geralmente leva a uma discussão mais geral sobre a crença bastante comum de que “você vai aonde seu cérebro for” e permite que o instrutor introduza tanto a ideia de um “critério corporal” básico para a identidade pessoal, como uma visão mais refinada de que o *cérebro* é uma parte essencial do corpo – chamado, às vezes, apenas de “critério do cérebro”. Após considerar essas abordagens, os alunos estarão mais bem situados para discutir as primeiras partes do diálogo de Perry.

Diálogo de Perry: discussão do critério da alma

O diálogo é bem escrito e fácil de seguir. Ao discutir as conclusões da “primeira noite”, pode ser útil introduzir uma distinção entre dois tipos de critérios:

- a. Um critério metafísico de X nos diz o que consiste X: qual é a sua essência ou a natureza.
- b. Um critério epistemológico de X nos diz como chegamos a saber o que é X.

Uma analogia útil, de David Brink:

Isto é como a diferença entre essência e sintoma. O fato de você ter certas pintinhas vermelhas no corpo pode ser um sintoma confiável (critério epistemológico) da catapora, mas ter catapora consiste em ter certo vírus (critério metafísico).

Existe uma conexão importante entre os dois tipos de critérios: um critério metafísico deve ser capaz de explicar por que temos os critérios epistemológicos que temos. O diálogo de Perry parece envolver uma mistura de ambos os tipos de critérios, e pode ser útil apontar aos alunos que é esse o caso. A conclusão alcançada no final da primeira noite é mais bem compreendida como sendo a de que um critério da alma pode muito bem – por tudo que sabemos – ser o critério metafísico apropriado para a identidade pessoal. Mas, não temos uma maneira clara de explicar como tal critério metafísico se conecta com nossos critérios epistemológicos reais nos julgamentos que fazemos todos os dias em relação à identidade pessoal. Isso leva as personagens a procurar uma solução mais geral e plausível.

Discussão sobre o critério corporal

O diálogo de Perry introduz um critério corporal no início da “segunda noite”. As objeções oferecidas são rápidas, mas superficialmente plausíveis. As personagens não vão em frente, revendo o critério ou considerando a reivindicação mais específica de que o cérebro é essencial. Após considerar as objeções ao critério corporal, pode ser útil considerar um “critério cerebral” com mais detalhes do que Perry faz. Pode ser particularmente útil lembrar os alunos de suas respostas para “The Meeting” e considerar se a rejeição da visão corporal oferecida no diálogo apoia um critério cerebral, que muitos sentem, após discutir a situação dos Vladeks.

A crença que muitos podem ter de que alguém sobreviveria a um transplante de cérebro – e que você iria aonde o seu cérebro fosse – pode, obviamente, ser tomada para apoiar um critério do cérebro, mas também pode ser vista como suporte a uma abordagem diferente: a abordagem da memória de John Locke.

Para ajudar os alunos a compreender as diferenças relevantes aqui, uma analogia com o computador pode ser útil:

Por que muitos acreditam que “você vai para aonde o seu cérebro for”? Pode ser porque você é essencialmente um cérebro, ou pode ser que você seja essencialmente a informação armazenada em seu cérebro. Em outras palavras, você pode pensar que vai para onde seu cérebro for, porque você se identifica essencialmente como sendo um dispositivo de *hardware* (o cérebro). De maneira alternativa, pode ser que você se identifique essencialmente com algo mais próximo de um *software*. Ou seja, os estados psicológicos – em particular, as memórias – codificados em seu cérebro. Mais tarde, os alunos considerarão essa última abordagem por meio da discussão do diálogo de Perry e de um breve trecho de John Locke.

DIA 3 – AS PARTES POSTERIORES DO DIÁLOGO DE PERRY E O CRITÉRIO DA MEMÓRIA DE LOCKE

Conteúdo:	Método:
1. O restante da «segunda noite» do diálogo de Perry	1. Aula expositiva e discussão
2. Um trecho dos textos de John Locke sobre identidade pessoal	

Orientações ao professor

O objetivo de hoje é considerar o “critério da memória”, ainda dominante, para a identidade pessoal, tanto por meio do diálogo fictício de Perry quanto pelos escritos de John Locke.

Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos devem compreender como o critério da alma, o critério corporal e o critério do cérebro diferem um do outro.
- Os alunos devem entender algumas objeções básicas para os critérios discutidos e começar a formular seus próprios pontos de vista sobre os pontos fortes e fracos de cada abordagem.

Atividade para a próxima aula

O conto “The Meeting” (A Reunião). A “primeira noite” e o início da “segunda noite” do diálogo de Perry.

Diálogo de Perry (continuação)

Os alunos estão agora mais bem situados para considerar o que ainda é a abordagem filosófica dominante da identidade pessoal: um critério de memória (ou de maneira mais ampla, um critério psicológico).

Proposta primeiramente por John Locke, essa abordagem foi modificada e expandida por muitos pensadores posteriores, incluindo Shoemaker, Lewis, Parfit e Perry, o autor do nosso diálogo. Como o diálogo de Perry deixa claro, ele tem um apelo óbvio, pois tanto se encaixa com nossas intuições em relação à importância do cérebro, como também supera as objeções discutidas anteriormente diante de um critério corporal mais direto.

Ao discutir-se o critério da memória, uma distinção fundamental a enfatizar é entre as visões de **substância** da identidade e as visões **relacionais**, tais como o critério da memória. Tão diferentes quanto as teorias de identidade da alma e do corpo, elas têm algo importante em comum: ambas afirmam que a identidade pessoal converge para a continuação de alguma substância específica, seja uma substância espiritual – alma – ou uma substância física – corpo ou cérebro.

Ambas são o que foi referido anteriormente como visões de “hardware” do “eu”. A abordagem da memória de Locke é bem distinta ao focar nas relações da memória em vez de qualquer substância particular, e isso se encaixa muito bem na discussão de Perry a respeito de rios e jogos de beisebol, bem como no trecho de Locke. Os alunos às vezes entram em conflito com essa distinção, então, caso seja útil, é recomendado se retomar a analogia do computador, hardware e software.

Locke

As leituras de Locke podem ser um desafio em relação ao diálogo de Perry, mas esse último deve preparar bem os alunos para compreenderem o primeiro. As passagens que se costuma destacar incluem:

[...] somente nisto consiste a identidade pessoal, isto é, a similaridade de um ser racional: quanto mais uma consciência pode retroceder, seja a respeito de qualquer ação ou pensamento passado, maior será o alcance da identidade dessa pessoa [...]

Essa afirmação direta de um critério de memória ajuda os alunos a compreender a famosa experiência de pensamento de Locke:

Pois se a alma de um príncipe, levando consigo a consciência de sua vida passada entra e instrui o corpo de um sapateiro, tão logo este seja abandonado por sua própria alma, cada um vê que ele seria a mesma pessoa que o príncipe.

Existe uma possibilidade significativa de não se compreender essa famosa passagem. Isto está vinculado às questões discutidas anteriormente: os estudantes muitas vezes interpretaram mal essa passagem como sendo algo tal como um critério da alma, quando o ponto de Locke é de que a “consciência” ou memórias é que são cruciais, e não a alma. Para ajudar os alunos a entenderem isso, é bom que eles se concentrem em outras passagens:

“[...] a mesma consciência unindo aquelas ações distantes em uma mesma pessoa, quaisquer que sejam as substâncias que contribuíram para a produção delas”.

“Portanto, vemos que a *substância* da qual a identidade pessoal consistiu em um momento pode estar diferente em outro, sem a mudança de identidade pessoal”.

“O *eu* é esse pensamento consciente – qualquer substância composta de (seja espiritual ou material, simples ou compacta, isto não importa) –, a qual é sensível ou consciente do prazer e da dor, capaz de felicidade ou miséria e, portanto, é preocupado consigo mesmo, na medida em que essa consciência se estende.”

Uma vez que se torne claro para os alunos a falta de importância da substância para Locke, você pode passar a considerar algumas modificações importantes na sua abordagem.

Estendendo a abordagem da memória

A primeira modificação é bastante direta: muitos pensadores depois de Locke ampliaram sua abordagem para incluir estados psicológicos além da memória, tais como crenças, desejos e outros estados psicológicos. Em geral, os filósofos contemporâneos não se referem a um simples “critério de memória”, mas a um “critério psicológico” mais amplo para a identidade pessoal. A segunda modificação ocorreu à luz de uma objeção clássica à narrativa de Locke:

Uma objeção (e uma revisão adicional) ao critério da memória

- **A objeção da festa de aniversário:** imagine que eu me lembro de ter uma festa de aniversário aos cinco anos, de modo que me faz idêntico à pessoa que teve aquela festa naquela época. No entanto, com a idade de 5 anos eu também fui capaz de me lembrar da minha festa de aniversário que tive aos 3 anos, mas esta é uma lembrança que agora, aos 28 anos, já não tenho mais. De acordo com o critério da memória, a pessoa com idade de 5 anos, que teve a festa, é idêntica à pessoa com idade de 3 anos, que teve outra festa, e eu, aos 28 anos, sou idêntico à pessoa de 5 anos que teve a festa, mas o “eu” de 28 anos *não* é idêntico à pessoa de 3 anos que teve uma festa, uma vez que não me lembro *daquela* festa. Isto parece absurdo, pois, se $A = B$ e $B = C$, então, $C = A$.
- **Solução:** precisamos modificar o critério de memória. O que importa para a identidade é que haja algum tipo de sobreposição contínua da memória. Não é necessário lembrar-se de eventos que aconteceram aos 3 anos de idade para que eu seja idêntico a essa criança. Basta que eu, em cada estágio da vida, tenha memórias do estágio imediatamente anterior, remontando à memória de quando eu tinha 3 anos. Essa revisão pode ser estendida a um “critério psicológico”, a fim de permitir a sobreposição de estados psicológicos além das memórias.

Essa objeção é útil para que os alunos pensem de forma um pouco mais profunda a respeito da lógica da identidade, embora seja importante enfatizar para eles que isso envolve uma “solução rápida” bastante fácil e que não deve ser vista como uma objeção fatal para a abordagem de Locke.

Problemas com a abordagem psicológica

Agora, com a narrativa de Locke mais desenvolvida e elaborada, os alunos podem voltar-se a problemas com essa abordagem. As preocupações com a circularidade são claras no diálogo de Perry. Mas, pode ser útil usar essa oportunidade para explicar a circularidade com algum detalhe e oferecer uma discussão geral sobre a natureza problemática dos argumentos circulares.

Brevemente, a preocupação com o critério da memória é que ele é oferecido como um critério para determinar a identidade pessoal, mas parece pressupor apenas esse critério.

Para empregar um critério de memória, devemos ser capazes de distinguir entre memórias *genuínas* e meramente *aparentes*. Uma resposta natural neste momento é reivindicar que memórias genuínas são aquelas causadas pela pessoa que realmente experimenta o evento, mas, é claro que determinar se *essa* pessoa experimentou o evento, em contraposição a alguma *outra* pessoa, requer algum critério de identidade pessoal.

Caso afirmarmos que usaremos um critério de memória, acabaremos com uma circularidade viciosa. Se, em vez disso, invocarmos algum outro critério, como uma versão do critério corporal, parecerá que o critério de memória não estará fazendo o trabalho real em nossos julgamentos sobre identidade pessoal.

Parfit, e outros, tentaram contornar as preocupações sobre circularidade invocando a noção de uma “quase memória”. Uma discussão sobre tais movimentos seria provavelmente muito técnica para os objetivos desse curso, e pode ser posta de lado. Em vez disso, provavelmente seja mais proveitoso considerar outras preocupações sobre o critério de Locke. As perguntas de discussão no guia de leitura para o texto de Perry podem ajudar os estudantes a pensarem sobre suas próprias preocupações e, na próxima aula, o experimento clássico de pensamento sobre o teletransporte pode ser utilizado para explorar essas dificuldades.

DIA 4 – DISCUSSÃO DE EXPERIÊNCIAS DO PENSAMENTO E AVALIAÇÃO CRÍTICA DO CRITÉRIO

Conteúdo:	Método:
1. Apresentação de dois influentes experimentos do pensamento	1. Aula expositiva e, essencialmente, discussão
2. Discussão das respostas aos casos hipotéticos e consideração da relevância dos casos para vários critérios	

Orientações ao professor

O objetivo de hoje é considerar várias experiências de pensamento que levantam dificuldades para a abordagem Lockeana da identidade pessoal.

Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos deverão entender como o exemplo do teletransportador levanta enigmas sobre a suficiência de um critério de memória, ou psicológico, para a identidade pessoal.
- Os alunos devem entender como William, exemplo da amnésia, levanta dificuldades adicionais para uma abordagem Lockeana.

Atividade para a próxima aula

Um trecho dos textos de Parfit sobre identidade pessoal. Idealmente, um trecho que incluía o caso da fissão (como o texto incluído em *Knowledge, Nature, and Norms*, ed. Timmons and Shoemaker, p. 62-66).

Teletransportadores

As questões levantadas no diálogo de Perry a respeito da sobrevivência e da possibilidade de duplicação são oferecidas no contexto de uma discussão sobre a possibilidade da imortalidade. Enquanto alguns estudantes vão achar esse contexto muito envolvente, outros provavelmente não vão se impressionar devido à especulação teológica. Dessa forma, é útil oferecer um cenário alternativo que aborde alguns dos mesmos pontos de discussão. O cenário alternativo que vamos empregar é um experimento de pensamento de ficção científica padrão, nos dias de hoje, envolvendo a possibilidade de teletransportação.

A série “Jornada nas Estrelas”, e em inúmeras outras histórias de ficção científica, envolve máquinas que supostamente permitem que as pessoas viajem por grandes distâncias através de um processo de teletransportação: de alguma forma, a identidade da pessoa é mantida enquanto essa pessoa é rapidamente transportada para um local distante, por meio de um processo exótico e altamente tecnológico.

Nos filmes e histórias que empregam esse tipo de máquina, o mecanismo exato envolvido raramente é tornado explícito. Dessa forma, uma maneira plausível para que tais máquinas supostamente operem pode ser: imagine que essa máquina foi capaz de escanear seu corpo até a última partícula subatômica e registre a posição de cada *bit* de matéria. Em outras palavras,

essa máquina poderia criar um esquema exato do seu corpo, incluindo cada um dos neurônios do seu cérebro. Além disso, essa máquina, após escanear e destruir a matéria que compõe o seu corpo, é capaz de enviar o esquema completo à velocidade da luz para outra máquina similar a milhares de quilômetros de distância.

A máquina receptora pode então recriar você a partir desse esquema, usando a matéria disponível para reconstituir seu corpo. Vamos também assumir que essas máquinas são incrivelmente confiáveis. Dessa forma, parece que eles permitem um método de transporte interessante e eficiente. A pessoa que sai do compartimento de reconstituição, presume-se, manterá todas as suas memórias, sua personalidade e sua aparência física. Resumindo, parece que essa pessoa seria *você*.

Certamente, essa pessoa acreditaria ser *você* e agiria de acordo. Parece difícil imaginar, sobre quais fundamentos alguém poderia negar que *você* viajou com sucesso usando um dispositivo como este. Na verdade, não é isso o que tendemos a pensar cada vez que vemos Scotty transportar algum dos membros da sua tripulação?

Inicialmente, um cenário como esse parece descrever uma forma altamente eficiente de transporte. Os fãs da abordagem de Locke a respeito da identidade pessoal também estão em condição de explicar *porque* esse cenário parece atraente: a pessoa que sai do teletransporte aparentará ter todas as suas memórias anteriores e estados psicológicos.

O contratempo

Até aqui, tudo bem. Agora vamos imaginar uma possível maneira de que as coisas possam dar errado: e se *você* entrasse nessa máquina, esperando ser transportado para longe, apenas para descobrir que depois de ser, aparentemente, escaneado, *você* permaneceu exatamente onde *você* estava, no dispositivo de teletransporte na Terra.

Vamos imaginar também que, ao mesmo tempo, o teletransportador conseguiu escanear *você* com sucesso e enviar o seu modelo para Marte. Mais ainda, a máquina em Marte funcionou normalmente e criou uma pessoa de acordo com o modelo enviado. Em outras palavras, o teletransportador fez tudo o que normalmente costuma fazer, exceto destruir seu corpo à medida que o escaneia.

Dessa forma, agora, aparentemente, há dois “*você*”: um na Terra que permanece no teletransportador e outro recentemente criado em Marte. Qual deles é o verdadeiro *você*?

Enquanto ambas as pessoas são – por um momento, pelo menos – qualitativamente idênticas entre si, apenas uma pode ser numericamente idêntica a *você*. A maioria das pessoas, claro, pensaria que *você* continuou como a pessoa na Terra que entrou na máquina com defeito. Como não poderia ser *você*? Teoricamente, o processo de escaneamento não foi mais invasivo que um raio-x e, dessa forma, *você* não tem boas razões para imaginar que deixou de existir aqui na Terra.

O que pensar, então, da pessoa em Marte? Aquela pessoa se parece com *você*, fala como *você* e até pensa como *você*. Na verdade, aquela pessoa, sem dúvida alguma, reivindica ser *você*. Parece óbvio, no entanto, que aquela pessoa *não* é *você*, mas sim uma cópia exatamente igual a *você*.

Para esclarecer nossos pensamentos sobre esse assunto, vamos dar um pouco mais de consistência à situação: imagine que *você* estivesse usando o transportador para ir a Marte, com o intuito de participar de uma campanha militar incrivelmente perigosa e que *você* saiba, antecipadamente, que essa missão será quase que certamente fatal.

Uma vez que o transportador transmite com sucesso o seu modelo e cria uma pessoa em Marte, nossos aliados naquele planeta estão satisfeitos que *você* chegou e enviam rapidamente

a pessoa que sai do teletransportador para a batalha. No embate, tal pessoa sofre, rapidamente, uma morte dolorosa, embora corajosa.

Contemplando essa situação e sabendo que o mau funcionamento ocorrerá, você pensaria, mesmo que por um instante, que a pessoa que vai lutar será você? Parece que antecipar, como você mesmo, tais experiências seria um erro óbvio, semelhante com antecipar-se em ter as experiências de seu colega de trabalho ou de seu bichinho de estimação. Afinal, você estará exatamente aqui, na Terra, experimentando todo tipo de coisas – incluindo, talvez, um alívio pelo fato de você ter sido poupado dessa morte brutal. Mas, certamente não experimentou uma batalha horrível em Marte.

Caso o defeito do teletransportador ocorrer da maneira descrita, ele não transportará você com sucesso para lugar algum. Em vez disso, funcionará como uma espécie de fotocopiadora sofisticada, criando uma cópia exata de uma pessoa em vez da cópia de um documento.

Moral da história

O que concluímos a partir desse conto sobre a falha no mecanismo e a confusão de identidade? Alguns pensam que tal possibilidade é bastante reveladora sobre as condições da nossa identidade. O fato de um contratempo como esse criar uma duplicata em Marte ao invés de você, implica que talvez uma máquina desse tipo *nunca* transporte pessoas com êxito. Em vez de ser um método avançado de viajar, essas máquinas oferecem um método eficiente de destruir pessoas e criar duplicatas. Afinal, se a pessoa que foi criada em Marte, no caso da falha, obviamente não é você, como pode ser você a pessoa criada lá na situação normal? Como poderia a falha em destruir o corpo na Terra fazer diferença entre ser você que sobrevive em Marte ou não?

Esta é uma maneira de apresentar o aspecto técnico de que a identidade pessoal parece ser uma relação *intrínseca*. É difícil ver como algo acontecendo com *outra* coisa pode afetar se *você* existe ou não. A menos que alguém concorde com uma metafísica bastante elaborada das almas e de suas transposições, parece difícil imaginar como a não destruição do corpo na Terra poderia permitir uma continuação bem-sucedida de sua pessoa em Marte. Esse tipo de história deve suscitar fortes dúvidas nos alunos quanto à aceitabilidade do critério de memória, de outro modo bem atrativo, para a identidade pessoal.

Ao discutir esse tipo de caso com a classe, existe uma variante adicional que pode ser oferecida: imagine que o teletransportador envia o seu modelo, acidentalmente, não para um, mas para cinco (ou quinhentos) teletransportadores de destino. Obviamente, eles não podem ser *todos* você, e isso sugere que talvez *nenhum* deles seja realmente você.

Uma boa dramatização desse tipo de cenário é apresentada no documentário inglês *Brainspotting*. O documentário também tem o filósofo Derek Parfit, explicando as questões em jogo. (Atualmente, você pode encontrar esse trecho aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=J_SOXpzgs_I&feature=related>.

Infelizmente, o segmento corta, mas continua aqui: <http://www.youtube.com/watch?v=3gn8soc_JuU&feature=related>. Você pode desejar parar após 1 hora e 20 minutos do vídeo, pois nesse ponto o narrador começa a se desviar do tópico de nossa proposta de estudo.

Outro vídeo alternativo é uma animação encantadora de John Weldon, intitulado "To Be": <<http://www.youtube.com/watch?v=pdxucpPq6Lc>>. Esse curta-metragem de dez minutos eleva a questão de reduplicação para uma quantidade bem maior. Ele deve fornecer material suficiente para o debate. É particularmente agradável atrelar situações como esta à consideração inicial sobre as maneiras pelas quais a identidade pessoal é importante para nossos julgamentos diários sobre responsabilidade. Amnésia e identidade

O próximo tópico para discussão é outro tipo de experiência de pensamento, proposta pela primeira vez pelo filósofo Bernard Williams em seu emblemático ensaio *The Self and the Future* (O eu e o futuro). Aqui está uma versão simplificada da situação:

Imagine que você vai passar por um procedimento horrível pelo qual todas as suas memórias, crenças e traços de caráter serão permanentemente removidos do seu cérebro. Na verdade, tudo o que pode ser considerado “distintivo” sobre sua psicologia será removido, deixando seu cérebro com pouco mais do que uma básica capacidade de consciência e a habilidade de raciocínios simples. Isso seria comparável a uma amnésia total e permanente que também trouxesse consigo uma perda de personalidade.

Imagine também que, após esse procedimento, a pessoa que permanecesse é torturada dolorosamente. Você acredita que seria *você* quem sobreviveria e experimentaria a tortura? Seria razoável para você antecipar as futuras experiências de dor? Caso você pudesse fazer algo para evitar que a tortura ocorra, seria razoável fazê-lo *baseado em seus interesses próprios*?

Muitas pessoas respondem que realmente pensam ou, pelo menos, suspeitam de que sobreviveriam a um procedimento como esse e experimentarão, depois, a dolorosa tortura. Em sua discussão sobre esse tipo de caso, Bernard Williams afirma que existe um princípio implícito operando em nossa resposta a tais exemplos: “que minha dor física a qual serei submetido no futuro não é excluída, qualquer que seja o estado psicológico em que eu me encontre naquele momento [...]”. Ele também conclui que esse princípio parece “bom o suficiente” e “direto” e que, caso haja algum engano nessa maneira de pensar, “precisamos mostrar o que está errado com isso”.

Não é de inteira surpresa, após uma reflexão, que as pessoas realmente respondam dessa maneira em uma situação como essa: quando alguém sofre de amnésia ou está nos últimos e graves estágios da doença de Alzheimer, podemos dizer que o indivíduo não é mais “a mesma pessoa que costumava ser”, mas estamos falando de forma vaga aqui. Embora, em um sentido, pensemos que a pessoa está significativamente diferente, mesmo uma “pessoa diferente”, em outro importante sentido, ainda permaneceu a mesma coisa.

Caso realmente estivéssemos em dúvida se a pessoa que agora sofre da doença de Alzheimer fosse o mesmo indivíduo que conhecíamos no passado, nosso comportamento seria consideravelmente diferente. Falando de um pai idoso que sofreu mudanças dramáticas em sua psicologia, o filósofo David Cockburn marcou essa questão com eloquência:

[...] é precisamente porque não há dúvida em minha mente sobre quem é a pessoa no hospital que o pensamento de visitas é algo como um pesadelo. De forma similar, o filho renegado não é um estranho; seus pais, apesar de tudo, se recusam a falar com ele, mas não se recusam a falar com estranhos. (*Other Human Beings*, p. 141).

Parece que existe um aspecto importante da identidade pessoal que escapa à tentativa de reduzir o “eu” a nada além de conexões psicológicas e continuidade. Muitos de nós pelo menos suspeitamos de que nossa identidade não possa ser reduzida desta maneira sem deixar algum resíduo. A “personalidade” de alguém, mesmo amplamente interpretada, a fim de incluir memórias e todos os outros estados psicológicos, não esgota a sua individualidade. Isso é relevante porque até mesmo a mera suspeita de que alguém poderia sobreviver ao tipo de procedimento de remoção de psicologia descrito, levanta dificuldades para a visão Lockean: de acordo com essa visão, você deixa de existir quando sua psicologia distinta, incluindo memórias, deixa de existir. Caso haja, no final, uma pessoa remanescente, essa pessoa não pode ser plausivelmente considerada como sendo *você*.

Conclusão

Aonde isso nos leva? Nossa consideração a respeito dos argumentos no diálogo de Perry mostrou que parece haver objeções bem fortes ao critério da alma, ao critério do corpo e ao critério do cérebro. Também se levantaram algumas preocupações sobre o critério da memória de Locke, e vimos na aula de hoje vários outros problemas com essa abordagem. Parece que cada grande teoria enfrenta objeções filosóficas substanciais. Na próxima e última sessão, consideraremos o trabalho de Derek Parfit e veremos que ele não acha nossa situação uma surpresa: ele argumentou que *todas* as principais teorias propostas são insatisfatórias e que deveríamos revisar radicalmente nossas crenças sobre a natureza do “eu”.

DIA 5 – DISCUSSÃO DO “CASO DE FISSÃO” DE PARFIT E SUA ALEGAÇÃO DE QUE A IDENTIDADE PESSOAL NÃO TEM IMPORTÂNCIA.

Conteúdo:	Método:
1. Apresentação do caso da fissão de Parfit	1. Aula expositiva e discussão
2. Discussão da visão radicalmente revisionista de Parfit sobre o “eu”	

Orientações ao professor

O objetivo de hoje é considerar os argumentos de Derek Parfit para a “não importância da identidade”. Também conectaremos sua história sobre “fissão” com exemplos da vida real de pacientes com “cérebro dividido”.

Objetivos e conceitos-chave

- Os alunos devem entender por que o exemplo de “fissão” apresentado por Parfit levanta sérias dificuldades para todas as principais teorias da identidade pessoal.
- Os alunos devem considerar até que ponto eles concordam com Parfit, de que a identidade pessoal não deve importar. Também devem considerar a plausibilidade da visão ética. As alegações de Parfit são apoiadas por suas conclusões metafísicas.

O caso “Fission” de Parfit

O guia de leitura fornece um resumo abrangente do experimento de pensamento, um que deve ser acessível aos alunos caso eles considerem difícil a própria escrita de Parfit. Nesse ponto do curso, a maioria dos alunos deve aceitar prontamente a suposição de Parfit de que “você vai aonde o seu cérebro for” e, assim, pode sobreviver a um transplante de cérebro. Contudo, o que alguns estudantes podem relutar é com sua afirmação de que alguém poderia sobreviver com apenas metade do cérebro. Felizmente, podem ser fornecidos casos da vida real que ajudam a apoiar a discussão de Parfit. Uma boa discussão sobre um desses casos – de uma hemisferectomia – pode ser encontrada *on-line* aqui: <[Http://www.youtube.com/watch?v=T-Su9HGnlMV0](http://www.youtube.com/watch?v=T-Su9HGnlMV0)>. Esse vídeo tem cerca de seis minutos de duração e deriva de um programa da Discovery Channel sobre “Brain Plasticity”.

Tendo garantido uma concordância sobre se alguém poderia sobreviver a uma hemisferectomia, o instrutor deve então caminhar com os alunos através do caso de fissão. Observe que, se um aluno objeta que os hemisférios tendem a diferirem, com um deles sendo dominante, explique que Parfit está assumindo a possibilidade teórica de se ter hemisférios particularmente equilibrados.

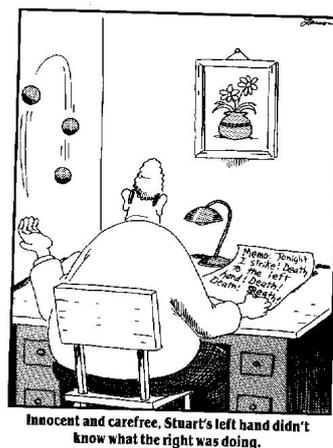
Pode ser apresentado para a classe outro vídeo de *brainspotting* em que o caso de fissão é dramatizado – e Parfit é entrevistado: <[Http://www.youtube.com/watch?v=J_SOXpzgs_I&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=J_SOXpzgs_I&feature=related)>. As partes relevantes estão entre 1:38 e 7:10.

É útil questionar os alunos sobre a resposta ao caso: pergunte a eles qual das opções listadas no guia de leitura parece mais plausível:

- A. Você não sobrevive.
- B. Você sobrevive como uma das duas pessoas
- C. Você sobrevive como ambas.

Após explicar como cada uma dessas opções parece insatisfatória, a classe pode ter uma discussão geral sobre a própria conclusão de Parfit: de que estamos irracionalmente vinculados à identidade pessoal e deveríamos “desistir da linguagem da identidade” e perceber que a identidade pessoal não pode, de forma razoável, ter a importância que naturalmente, mas de forma falaciosa, atribuímos a ela.

Alguns alunos provavelmente resistirão à conclusão de Parfit, e sua resistência pode assumir a forma de um súbito ceticismo quanto à coerência do experimento mental. Nesse momento, é útil trazer o tópico de pacientes com “cérebro dividido”, isto é, pacientes que tiveram o corpo caloso cortado. Felizmente, temos outro excelente vídeo para ajudar a apresentar tais casos: <<http://www.youtube.com/watch?v=lfGwsAdS9Dc>>. Este é um vídeo da *Scientific American Frontiers*. Você, provavelmente, vai desejar parar o vídeo por volta de 6:30. Depois disso, o foco muda para as qualidades especiais do hemisfério esquerdo, que deixaria as águas meio turvas para nós, dado o nosso foco no caso de fissão de Parfit e a pressuposição de hemisférios equilibrados.



Innocent and carefree, Stuart's left hand didn't know what the right was doing.

O que os casos de cérebro dividido parecem mostrar é que tais pacientes podem ser vistos de forma plausível como possuindo dois fluxos *independentes* de consciência. Caso Descartes tivesse razão ao reivindicar o “penso, logo existo”, então parece plausível sugerir que existam *dois* “eus” ou pessoas em tais corpos. Claro que o verdadeiro enigma é se tais reflexões não nos levariam a imaginar se, mesmo em nossos próprios casos, existam de fato dois – ou mais – centros de consciência. Por que o corpo caloso do cérebro não pode apenas ser visto como uma forma conveniente para que nossos dois “eus” se comuniquem um com o outro? Resumindo, esses tipos de casos podem suscitar preocupações céticas a respeito da unidade do “eu” e o significado da identidade. E eles fazem isso sem envolver nem um pouco de ficção científica.

Legenda: “De forma inocente e despreocupada, a mão esquerda de Stuart não sabe o que a mão direita está fazendo”.

Texto da carta: “Memorando: Esta noite eu ataco! Morte à mão esquerda! Morte! Morte! Morte!”.

Caso o tempo permita, o professor pode fazer a transição da discussão para uma consideração das conclusões éticas de Parfit: brevemente, uma especulação metafísica como essa pode inspirar-nos a nos preocupar menos com nossa própria identidade e mais a respeito da

prevenção do sofrimento, *onde quer que ele ocorra*, seja em seu corpo ou em outra pessoa. Paralelos podem ser feitos entre a visão de Parfit e a visão de Buda – ele expõe tais paralelos em *Reasons and Persons*.

Conclusão

O motivo de introduzir os pensamentos de Parfit não é tentar convencer os alunos de que as opiniões radicais de Parfit estão corretas. Trata-se de estimular os alunos a começarem a formar e fundamentar suas próprias opiniões reflexivas sobre a natureza do “eu”. O desafio que resta para os alunos é tentar encontrar uma abordagem de identidade pessoal que seja capaz de sintetizar, de alguma forma, suas convicções e intuições, com respostas sensíveis às objeções padrão para cada uma das principais abordagens que pesquisamos. É claro que isso vai levá-los para além do escopo deste breve programa, mas o curso lhes deu os recursos necessários para que prossigam nesta jornada, caso assim escolham.

Guia de leitura para Perry

Um diálogo entre Gretchen Weirob (uma professora ateuista de filosofia), Sam Miller (um clérigo) e David Cohen (um ex-aluno de Gretchen). Weirob está em um hospital, prestes a morrer. A discussão sobre os critérios de identidade pessoal é motivada pela questão de saber se é possível para ela antecipar a existência após a morte – em uma vida após a morte.

Critério da alma

A é a mesma pessoa que B se e somente se A e B tiverem a mesma alma. Miller apresenta essa visão em "The First Night" (A primeira Noite).

- **Objecção:** normalmente pensamos que temos conhecimento sobre a identidade de nós mesmos e de outras pessoas, mas se somos apenas almas, é difícil ver como tal conhecimento é possível. Não podemos perceber as almas, então, como podemos saber qualquer coisa sobre elas? (Weirob faz esse questionamento).
- **Resposta:** sabemos que as almas se correlacionam com os corpos: mesmo corpo = mesma alma. (Miller faz essa afirmação).
- **Objecção:** como sabemos sobre esse princípio de "mesmo corpo, mesmo alma"? Não é o tipo de coisa que conhecemos *a priori* (ou antes da experiência), portanto deve ser um princípio empírico. Mas é difícil ver como tal princípio poderia ser confirmado por meio da experiência. Quais evidências podem provar que as almas se correlacionam com os corpos físicos? Não podemos abrir um corpo, espiar e ver uma alma! (Weirob faz esse tipo de questionamento).
- **Resposta:** nós realmente temos um tipo de evidência: a psicologia e o comportamento de uma pessoa apontam para que tenham uma alma particular. Identificamos uma pessoa por meio de sua personalidade e de sua composição psicológica, e *isso* se correlaciona com uma alma particular. Enquanto o corpo exibir a personalidade que esperamos, atribuímos a esse corpo a existência contínua da mesma alma. (Miller apresenta essa ideia).
- **Objecção:** por tudo o que sabemos, um corpo que exiba uma personalidade estável e similar ao longo do tempo pode ser habitado por inúmeras almas. Talvez uma alma diferente venha ao corpo todas as noites e, pelo fato de que cada alma seja qualitativamente similar, o corpo continua exibindo o mesmo tipo de psicologia e personalidade. Nós realmente não temos nenhum motivo para pensar que a uniformidade psicológica garanta a igualdade da alma. (Weirob faz essa objeção).
- **Resposta:** a correlação entre uma alma e uma determinada psicologia é estabelecida primeiro no próprio caso: eu tenho o mesmo corpo que tive ontem, eu tenho a mesma psicologia, e *sei* que tenho a mesma alma que tinha ontem, dessa forma, eu posso assumir que os outros são similares e, portanto, que a igualdade do corpo se correlaciona com a igualdade de alma para todas as pessoas. (Miller faz essa afirmação).
- **Objecção:** você está apenas assumindo isso. Você realmente não sabe se você sempre teve a mesma alma. Não há como verificar essa afirmação. Ela é tão provável quanto a possibilidade de você ter tido muitas almas habitando seu corpo. Lembre-se de que as almas são o tipo de coisa que não pode ser percebida. (Weirob faz essa afirmação).

- **Conclusão:** mesmo que tenhamos almas, elas parecem completamente irrelevantes para questões de identidade pessoal e de sobrevivência pessoal.

Critério do corpo

A é a mesma pessoa que B se e somente se A e B tiverem o mesmo corpo.

- **Objeção:** tenho conhecimento de mim mesmo, conhecimento de que eu sigo existindo, o qual não depende do conhecimento sobre meu corpo. Por exemplo: quando eu acordo, eu me reidentifico antes de sequer abrir meus olhos e ver se eu tenho o mesmo corpo. Uma vez que eu, portanto, pareço capaz de ter conhecimento sobre minha identidade pessoal sem acessar o meu corpo, minha identidade pessoal não pode *apenas* consistir na minha identidade corporal. Eu devo ser algo diferente de simplesmente o corpo físico que eu pareço habitar. (Miller argumenta isso).
- **Objeção:** eu também pareço ser capaz de imaginar cenários nos quais eu continuo a existir, mas o meu corpo *não* continua. Eu posso imaginar tendo um corpo *diferente* e ainda sobreviver como sendo a mesma pessoa. Um exemplo dessa situação: *Metamorfose*, de Kafka (Miller argumenta isso).
- **Tentativa de conclusão:** a identidade pessoal parece ser algo distinto da identidade corporal.

Critério de memória

Uma pessoa no momento 1 e uma pessoa em um momento posterior 2 são, de fato, a mesma pessoa, caso a pessoa no momento 2 recordar, ou seja, for capaz de lembrar de ter tido as experiências que foram experimentadas pela pessoa no momento 1. (Miller, seguindo John Locke, defende esse tipo de visão).

- **Prefácio:** mudamos a conversa sobre pontos de vista a respeito da identidade pessoal em que a pessoa é definida como sendo idêntica a alguma *substância* – seja alma ou corpo – para uma visão na qual a identidade e a sobrevivência de uma pessoa são vistas como uma questão de *relações* ou conexões entre as passagens vividas por essa pessoa. O fato de que as muitas etapas da vida de uma pessoa estão conectadas através da *memória* é visto como proporcionando um verdadeiro critério para a identidade pessoal. Eu sou a mesma pessoa que X caso eu me lembre de ter experiências de X. Essas conexões de memória são o que torna o “fluxo de consciência” um fluxo e, tal como a identidade de um fluxo ou de um rio, a identidade de uma pessoa é, então, uma questão de relações das passagens que compõem a pessoa.
- **Objeção:** o fato de eu me lembrar de uma experiência tida por X não me torna idêntico a X. Por exemplo, pode haver uma pessoa que acredite se lembrar da última ceia, pois imagina ser Jesus Cristo. Mas isto apenas não *faz* dele Jesus. Precisamos distinguir entre memórias *aparentes* e *genuínas*, mas você não pode fazer isso sem o pressuposto da identidade pessoal. Assim, esse critério é circular e, portanto, o torna inútil. (Uma objeção semelhante a esta é feita por Weirob).
- **Resposta:** uma memória *genuína* é uma memória que é proporcionada da forma correta, ou seja, é causada pela real ocorrência do evento recordado, em oposição a um hipnotizador ou a uma ilusão. (Esse tipo de resposta é dado por Cohen.)

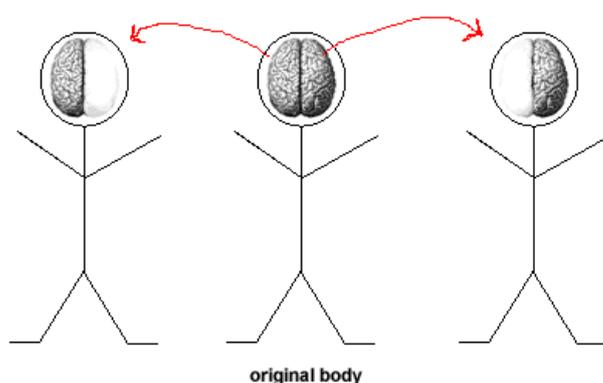
Perguntas para discussão

- O que conta como uma causa apropriada? Se Deus cria uma pessoa em uma vida após a morte com todas as suas memórias, são essas memórias genuínas, uma vez que Deus fez com que essa pessoa as tivesse *porque* as experimentou?
- Se esse é um tipo apropriado de causa, então parece que temos um problema: e se Deus fizer duas dessas pessoas, ou vinte? Serão elas todas *você*? Seria isso impossível?
- Certamente você só pode prosseguir, ou seja, sobreviver, como uma pessoa. Então, talvez você não sobreviva como qualquer uma dessas pessoas? Talvez elas sejam apenas *cópias qualitativamente similares*, ao invés de continuações da pessoa que é você.

Guia de leitura para Parfit

O argumento mais efetivo de Parfit baseia-se em um exemplo, derivado de David Wiggins, no qual imaginamos uma pessoa se dividindo em duas. Aqui está uma breve reconstrução desse experimento do pensamento de "fissão":

1. É geralmente aceito que uma pessoa possa sobreviver a uma hemisferectomia. Em outras palavras, as pessoas têm sobrevivido a operações nas quais todo um hemisfério do cérebro é removido. Embora a pessoa sobrevivente possa ficar alterada de maneiras bem significativas, não consideramos a pessoa sendo numericamente distinta da pessoa original que optou por se submeter ao procedimento. O pensamento, nesse tipo de procedimento, não é, presumivelmente, que você será destruído pela operação e substituído por outra pessoa menos funcional. Ao invés disso, você anteciparia sobreviver como uma versão menos funcional de si mesmo.
2. Também é comumente aceito que, se o cérebro de alguém pudesse ser transplantado para um corpo diferente, a pessoa iria para onde o cérebro fosse. Em outras palavras, nossos cérebros são essenciais para a nossa identidade, de um modo em que o resto do nosso corpo não é. Daí a plausibilidade dos cenários de um "cérebro em uma cuba" que vemos e aceitamos em tantas ficções científicas.
3. Dado 1 e 2, podemos assumir que, se fosse possível, digamos, destruir um hemisfério do cérebro de uma pessoa e transplantar o hemisfério remanescente para um novo corpo, mas similar, a pessoa resultante, no novo corpo, seria numericamente idêntica à pessoa original que existia antes desse procedimento. Em outras palavras, a sobrevivência da metade do seu cérebro, colocado em um novo, mas funcional, corpo é suficiente para constituir sua sobrevivência. Mas pode-se concluir que este é apenas um feliz estado de satisfação, um estado das coisas em que você não deixou de existir.
4. Considere, agora, uma variação no cenário descrito em 3: em vez de destruir um hemisfério, imagine que nós levemos o seu cérebro e transplantemos cada hemisfério em dois novos corpos, contudo, similares. No caso dessa "fissão", qual pessoa resultante será você? Parece haver apenas três possibilidades: (A) Você não sobrevive. (B) Você sobrevive como uma das duas pessoas. (C) Você sobrevive como ambos.



5. Nenhuma dessas possibilidades é satisfatória. Considere uma por vez: (A) Como um duplo sucesso pode ser uma falha? (B) Qual deles? Escolher qualquer deles como o sobrevivente parece arbitrário. (C) Isso parece sem sentido. A sobrevivência envolve a identidade e não posso ser idêntico, numericamente, a mais de uma coisa.
6. Embora conheçamos todas as informações relevantes, parece que não somos capazes de encontrar uma determinada resposta à questão da sua identidade em um caso como este.

Como mostra o exemplo da fissão, há quebra-cabeças envolvendo identidade pessoal que levantam questões para as quais não temos nenhuma ideia de como responder. Parfit pensa que tais casos não podem ser facilmente respondidos, porque não há resposta.

Nossos critérios de identidade não abrangem todos os casos concebíveis – existem situações nas quais as respostas acabam sendo incompletas ou caem por terra. Aceitamos prontamente que isso possa acontecer para conceitos como “mesa” ou “nação” – a indeterminação de nossos critérios para a identidade de tais coisas não nos perturba.

No entanto, situações envolvendo identidade pessoal são diferentes de maneira significativa. Muitas vezes sentimos que elas *deveriam* ter uma resposta. Como não poderia haver uma resposta “sim” ou “não” para a questão de saber se a pessoa que possuirá meu corpo amanhã será eu, ou não?

Tendemos a pensar que, não importando o que ocorra entre o agora e o depois, a pessoa resultante deve ser “eu” ou, então, não deve ser “eu”. Em outras palavras, pensamos que deve haver *alguma* resposta determinada, mesmo que no momento não saibamos qual seja. Parfit argumenta que devemos renunciar a essa crença – deveríamos “desistir da linguagem da identidade”.

Não podemos ter um sentido de identidade no caso de fissão, mas temos tudo o que poderíamos desejar, então por que se preocupar? Neste caso de fissão (4), temos tudo o que precisamos para um caso de sobrevivência sem fissão (como em 3), dessa forma, obviamente, “identidade” não pode nos dar qualquer coisa tão crucial.

De acordo com Parfit, o que realmente importa na sobrevivência não é o “tudo ou nada” da identidade, mas nós termos as relações de grau, ou seja, uma conectividade e continuidade física e/ou psicológica. Com uma fissão, nenhuma pessoa resultante é idêntica a mim, mas isto não deve nos preocupar, uma vez que o que *realmente* importa ainda está presente em ambas as pessoas: um grau suficiente de sobreposição física e psicológica com a pessoa original. A identidade pessoal, por si só, não importa. Uma pessoa é como uma nação – o que importa são as partes.

É natural acreditar que exista algum fato adicional a respeito de nossa identidade que decida todos os possíveis casos. Assim, supomos a existência de uma alma misteriosa ou de alguma substância mental. Como também é natural acreditar que isto deva ser um fato bem profundo sobre nós. Parfit nega que exista um fato como este.

Surpreendentemente, ele não vê isso como uma conclusão deprimente:

A verdade é deprimente? Alguns podem achar que sim. Mas acredito que isso seja libertador e consolador. Quando eu acreditava que minha existência fosse um fato mais importante, eu parecia como que preso dentro de mim mesmo. Minha vida parecia como um túnel de vidro, através do qual eu estava me movendo mais rápido todos os anos, e ao final do qual havia a escuridão. Quando eu mudei minha visão, as paredes do meu túnel de vidro desapareceram. Agora vivo ao ar livre. Ainda existe uma diferença entre a minha vida e a vida de outras pessoas. Mas a diferença é menor. As outras pessoas estão mais próximas. Estou menos preocupado com o resto da minha vida e mais preocupado com a vida dos outros. (*Reasons and Persons*, p. 281).

Parfit argumenta que apenas a existência adicional de algum fato profundo daria a alguém uma razão para ficar especialmente preocupado com o *próprio* futuro. Na ausência desse fato, a mera continuidade psicológica e física não daria a alguém uma razão desse tipo. Sendo direto, o interesse próprio torna-se absurdo sem um “eu”. Da mesma forma, associar-se à identidade de outro indivíduo, tal como um amigo ou alguém que se ama, é, nessa visão, igualmente problemático.